
07. RECURSOS SOCIAIS, INSERÇÃO E ATUAÇÃO DE JORNALISTAS NA ASSESSORIA DE IMPRENSA POLÍTICA DE ARACAJU

Isabel Rocha Souza¹

Introdução

Este texto discute a importância dos recursos sociais para o ingresso e atuação de jornalistas em assessorias de imprensa política, que aliados a “competência jornalística”², formam o carro chefe que facilita a mobilidade entre os dois campos e garante o sucesso profissional dos atores envolvidos. Parte-se do princípio que a inserção do jornalista em diversas esferas sociais (família, escola, associações, profissão, etc.), permite o acúmulo de recursos passíveis de serem acionados como trunfos para sua entrada e atuação em assessorias de imprensa política. Nesse sentido, Legavre (1996), ao estudar a passagem do comunicador político para o político profissional, afirma que é o acúmulo de recursos e a combinação entre eles que torna possível o sucesso na passagem de um grupo a outro.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa mais geral³ que teve como objetivo analisar as condições de ingresso e permanência, do jornalista sergipano na assessoria de imprensa política de Aracaju/Se, buscando apreender os recursos sociais que pesam para o acesso a esse campo de atuação desses profissionais e de que forma tais recursos congregados a competência jornalística, adquirida no exercício profissional em diferentes esferas midiáticas e/ou através do diploma, contribuem para a atuação em outro campo jornalístico. Essa análise demonstra que a entrada do jornalista na área da assessoria de imprensa ou de comunicação política em Aracaju, se dá através da conversão de diversos recursos em “competência” profissional e através da sugestão feita por um amigo, um parente, ou um colega de profissão, a um político conhecido, ou através de convites pessoais a partir da atuação no jornalismo político.

¹ Mestre em Sociologia pela PPGS/UFS. E-mail: irsouza5@hotmail.com.

² Refere-se ao próprio exercício do jornalismo no interior das redações jornalísticas, como editores, colunistas e ou comentaristas de política.

³ - SOUZA, Isabel Rocha. “Paixão ou Vocação?”: Competência Jornalística, Redes de Relações e Atuação na Assessoria de Imprensa política em Aracaju. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, 2013. 112f.

Por conseguinte, se é a posse de diferentes recursos sociais e a combinação entre eles que garantem o ingresso na comunicação política e ascensão na hierarquia desse setor, quais são esses recursos? Em que espaços e de que forma tais recursos são obtidos pelo sujeito em questão? Como o jornalista se torna assessor de imprensa? Quais competências são exigidas? Para responder a este questionamento, partiu-se do exame de dados empíricos coletados em 2012, a partir de entrevistas biográficas com 10 jornalistas que atuam nas assessorias de imprensa ou de comunicação política em Aracaju, dos quais, 04 ocuparam cargos dirigentes em instituições governamentais e legislativas no Estado e no Município, entre 2010 e 2014 e os outros 06 assessoram ou assessoravam partidos políticos e parlamentares. Para que se dê conta de tal análise, faremos inicialmente, uma breve explanação sobre o que motivou a mobilização do jornalista entre os dois espaços da comunicação social e em que momento a assessoria se tornou uma atividade jornalística. Em seguida, através da análise da trajetória dos entrevistados, evidenciaremos como a mobilidade desses atores em diferentes esferas sociais permite o acúmulo de múltiplos recursos passíveis de serem acionados como trunfos para sua entrada e atuação no mencionado âmbito da comunicação social.

1- A Mobilidade Jornalística: Das Redações Para as Assessorias de Imprensa

A grande mobilização dos jornalistas brasileiros das redações para as assessorias de imprensa teve início na década de 1980, quando a assessoria de imprensa tornou-se uma opção de emprego importante para os jornalistas que ficaram desempregados após o insucesso da greve do sindicato dos jornalistas de São Paulo, a qual teve início no fim de 1978 e terminou em 1979. O movimento reivindicava aumento salarial e estabilidade no emprego, porém, foi julgada ilegal pelo TRT (Tribunal Regional do Trabalho) e provocou a demissão de vários jornalistas experientes, que desempregados encontraram na assessoria de imprensa uma nova opção de trabalho e uma solução para o desemprego (DUARTE, 2003 e 2010; CHAPARRO, 2003). Outro motivo para tal movimento foi à saturação do mercado jornalístico, com as sucessivas crises financeiras por qual passou as redações jornalísticas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, resultando no fechamento de diversas empresas de comunicação, contribuindo assim, para o encolhimento do mercado.

Há ainda a introdução acelerada de modernas tecnologias que requer um menor número de funcionários para exercer as mesmas tarefas, deixando muitos jornalistas experientes ou recém-formados desempregados e levando-os a buscarem as assessorias de

imprensa como opção de trabalho (SANT'ANNA, 2004). Esse é o caso da assessora de imprensa do PT de Sergipe, uma jovem de 25 anos que está tendo na assessoria de imprensa política sua primeira experiência profissional, confirmando o a discussão realizada por Duarte, Costa e Schmitz (2012), os quais afirmam que a assessoria de imprensa aparece frequentemente como porta de entrada do mercado de trabalho para os profissionais quando recém-formados.

Em Aracaju, a saturação deste mercado é gritante, o número de vagas de emprego é bem inferior em relação ao número de profissionais, tal constatação vale para todo o Estado, pois se na capital o mercado jornalístico é restrito, no interior é quase inexistente, com exceção de alguns municípios que produzem um jornal e tem uma ou duas emissoras de rádio, o restante nada tem a oferecer - no sentido de emprego - ao jornalista. Segundo a presidente do SINDJOR/SE⁴, Sergipe é um estado pequeno e o mercado é um reflexo disso, não há grandes empresas atuando no setor da comunicação de massa, o que gera uma disparidade entre a oferta de emprego na imprensa local e o número de profissionais disponível. Diante dessa conjuntura, é natural que os profissionais afetados procurem novas áreas e expandam o território de suas fronteiras⁵ ocupacionais (LE CAM & RUELLAN in LEGAVRE 2004).

Outros fatores importantes que contribuíram para a migração de jornalistas para as assessorias de imprensa foram às leis de regulamentação da profissão. O Decreto-Lei de 1969 tornou o diploma em comunicação social obrigatório para a atuação jornalística até o ano de 2009⁶, o que ocasionou na abertura de numerosas faculdades de jornalismo por todo país, e um grande número de profissionais recém-formados encontraram na assessoria de imprensa a solução para a entrada no mercado profissional (DUARTE, 2003). Já o Decreto nº 83.284/797⁷, classificou como jornalísticas uma série de atividades independente do seu local de desempenho, inclusive a assessoria de imprensa e determinou também que mesmo nos órgãos públicos, onde eram executadas as funções de assessorias de imprensa e coordenações de comunicação social, a regulamentação profissional do jornalista deveria ser respeitada.

⁴ - Sindicato dos Jornalistas de Sergipe.

⁵ - Nesse caso, a fronteira não é um limite formal de um território de um grupo social, mas sim um espaço novo a ser ocupado e conquistado (RUELLAN, 2004).

⁶ - Em 2009, STF derrubou exigência do diploma para exercer profissão de jornalista.

⁷ - BRASIL. Decreto lei n. 83.284/1979 de 13 de março de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/.../9630e69f67492488032569fa006297c1>. Acesso em maio de 2012.

Esta particularidade brasileira apoiada pela legislação colaborou igualmente para que jornalistas experientes migrassem das redações para as assessorias, fazendo com que tanto os sindicatos da corporação, quanto o mercado empresarial, aceitassem bem a ideia de que a assessoria de imprensa é dotada de funções jornalísticas (SANT'ANNA, 2006). Porém a restrição mercadológica não é o único motivo para tal fenômeno, conforme Duarte (2010) muitos jornalistas passaram a atuar em assessorias de comunicação por causa das condições mais tranquilas de trabalho, ou seja, menor estresse e menos controle. A esse respeito, a assessora de imprensa do PSB (Partido Socialista Brasileiro), afirma que “trabalhar como assessora de imprensa de um partido político é muito mais tranquilo que trabalhar em uma redação jornalística e de TV sim, mas, só quando não se está em período eleitoral, pois quanto mais se aproxima as eleições, mais trabalho para o assessor, que tem que cuidar da campanha e imagem de seu cliente, através da inserção de matérias jornalísticas positivas nos meios de comunicação”.

Podemos acrescentar ainda, a melhor remuneração nesse setor, pois as redações geralmente pagam um salário bem menor que as assessorias. Foi o que identificamos através de nossa pesquisa ao entrevistarmos jornalistas que exercem a referida função no universo político de Aracaju, onde além do restrito mercado midiático o piso salarial do jornalista sergipano é um dos mais baixos do país, fazendo com que jornalistas tornem-se assessores e muitas vezes, exerçam simultaneamente as duas atividades. É o que confirma os depoimentos dos entrevistados. Segundo um deles, que atua ao mesmo tempo como assessor de imprensa parlamentar, como repórter num jornal local e ainda faz freelance para a imprensa nacional, a má remuneração oferecida pelo jornalismo induz o profissional a exercer dupla função, embora fosse preferível exercer apenas uma atividade, já que segundo o mesmo, para parte dos jornalistas não é considerado muito ético esse trânsito simultâneo entre os dois setores (assessoria de imprensa e redações jornalísticas). A esse respeito à diretora de imprensa da ALESE/SE⁸, diz:

Não acho correto o jornalista atuar ao mesmo tempo nas redações e na assessoria de imprensa, pois se o seu cliente se envolver em algo... Digamos que escuso, que prejudique a população, como jornalista, o nosso dever é denunciar, mas como assessor de imprensa, o dever é defender o interesse do patrão e divulgar somente aquilo que é bom pra sua imagem. E aí? Como fica o meu compromisso com a disseminação da notícia? Como fica minha ética profissional? (Entrevista em 2012).

⁸ Assembleia Legislativa de Sergipe.

O então secretário de comunicação do município de Aracaju, também abordou em sua fala a questão do jornalista que atua em assessorias de imprensa, e foi elucidativo em relação à questão salarial ao dizer que

O maior desafio do jornalista, no Brasil como um todo, mais principalmente aqui, é a questão salarial, o profissional ainda não é valorizado como deveria ser. Sabe, o mercado sergipano paga muito pouco, essa é a maior dificuldade, além do mercado ser pequeno, não dá acesso naturalmente a todos os jornalistas que há no mercado. Sergipe é o Estado que tem o menor salário do país, isso acaba rendendo uma distorção, o jornalista não consegue sobreviver trabalhando em um só lugar, então ele tem que se virar trabalhando em diferentes veículos, pois o salário que recebe é insuficiente, então migra pra outras áreas como a de assessoria de comunicação, ou acaba atuando nos dois setores, conheço muitos casos assim (Entrevista em 2012).

Conforme Duarte, Costa e Schmitz (2012) Com exceção de casos especiais, os salários e os benefícios oferecidos pelas assessorias mais estruturadas superam as remunerações do mercado jornalístico convencional e há bons e experientes profissionais trocando de "lado do balcão". É importante lembrar que essa nova perspectiva de atuação jornalística inicia no mesmo período da reabertura política do país - após longos anos de ditadura militar⁹ - fato histórico que influenciou tanto na expressiva mudança social, quanto no desenvolvimento do setor da comunicação. As transformações políticas e sociais ocorridas nesse período, além de devolver a liberdade de atuação da imprensa, provocaram também um crescimento de movimentos sindicais e associações comunitárias que passaram a reivindicar os direitos do cidadão, forçando as diferentes instituições públicas e privadas, estabelecer canais de comunicação com seus públicos.

Diante desse contexto a assessoria de comunicação se moderniza, supera os preconceitos que o "sitiava" - passa de "chapa branca a interlocutora qualificada" (GLÜER, 2004) - e durante a crise econômica dos anos 90 consolida-se como a quarta área¹⁰ de atuação jornalística, desenvolvendo uma atividade de articulação político-institucional e de planejamento estratégico nas organizações empresariais, governamentais e políticas. Assume assim, o papel de mediadora entre os partidos políticos órgãos públicos, ONGS, parlamentares, candidatos e os veículos midiáticos (DUARTE, 2003; KOPLIN e FERRARETO, 2001; TORQUATO 2002). Hoje, a assessoria de imprensa ou comunicação se destaca como o setor que mais emprega jornalistas no Brasil (DUARTE, 2003).

⁹ A ditadura militar iniciou com o golpe militar de 01 de abril de 1964, que resultou no afastamento do presidente do Brasil e os militares assumiram o poder, estendendo-se até 1985.

¹⁰ O Compreende-se aqui, a mídia impressa, o rádio, a televisão e mais recentemente a internet, como as outras áreas do exercício profissional do jornalismo.

Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (2012), cerca de 60% desses profissionais atua em algum tipo de assessoria de comunicação. Essa estatística muda conforme o setor de atuação, chegando a: 82% dos profissionais que trabalham no setor de comunicação no serviço público, são jornalistas, 73% dos funcionários das agências de comunicação também são jornalistas, sendo que esse percentual cai para 30% nos departamentos de comunicação das empresas (SCHMITZ, 2011). O espaço geográfico também altera estes dados, conforme a região ou Estado eles superam a média nacional, esse é o caso do Piauí, onde segundo o SINJOPI (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí) 70% da categoria jornalística desempenham a referida atividade (CALAND e LIMA, 2012).

Em Sergipe, verificou-se a falta de dados oficiais sobre o número de jornalistas que atuam como assessor de imprensa, pois quando os mesmos registram-se na DRT (Diretoria Regional do Trabalho), não especificam a função e tanto o SINDJOR (Sindicato dos Jornalistas), quanto a ASI (Associação Sergipana de Imprensa), até então não se preocuparam em fazer esse mapeamento. Em conversa com a então presidente do SINDJOR, Caroline Rejane, ela afirmou que a maioria dos jornalistas sergipanos atua como assessor de imprensa. Há no Estado 1.300 profissionais registrados na DRT destes, 77% são filiados ao sindicato (dados referentes ao ano de 2012) e exercem a profissão. Como o campo de atuação no setor midiático de Sergipe é bastante restrito e não abarca o número de profissionais disponível no mercado, ela acredita que os mesmos estejam migrando para as assessorias de comunicação, acompanhando ou até mesmo superando a média nacional. É o que também observamos nesse estudo, apesar do mesmo ser restrita a assessoria de imprensa política, seus números são reveladores de tal tendência. Mapeamos 84 assessores de comunicação no universo político aracajuano, desses, 62,2% são jornalistas.

2- Recursos Sociais e Atuação na Assessoria de Imprensa Política

Esta investigação demonstra que ao longo do seu itinerário, o jornalista se insere e participa de diferentes esferas sociais e profissionais, o que lhe permite a aquisição de diferentes recursos que influem positivamente na mobilidade das redações para as assessorias. Tais recursos adquiridos no processo de socialização desse indivíduo implicam em indicações e/ou convites para a ocupação de cargos dirigentes em secretarias e diretorias de comunicação, para assessorar algum partido político ou deputado.

Assim, para analisar o processo de inserção dos jornalistas na assessoria de imprensa política, faz-se necessário um exame da inclusão desses sujeitos em diferentes esferas de vida¹¹ e como tal inserção permite a aquisição de um conjunto de recursos que podem contribuir para o ingresso em outra área de atividade. Entre as esferas sociais que se inserem os jornalistas analisados, podemos destacar a familiar, escolar, profissional e política.

3.1- Esfera Familiar, Escolar e Aquisição de Recursos Sociais

A esfera familiar forma a primeira rede de relações do homem, que lhe confere a socialização básica e se prolonga para outras redes de interdependências, tais como: amigos, colegas de escola, trabalho, vizinhos, laços afetivos e redes associativas (religiosa, política, étnicas, etc.), que também passam a influenciar o indivíduo em sua formação e funciona como fator determinante para a sustentação do sentimento de pertinência e de valorização social e profissional (BERGER e LUCKMAN, 1996). Conforme Petrarca (2008) as origens sociais elevadas, aliadas a bagagem cultural formam alguns dos elementos que contribuem para que os jornalistas ocupem postos dirigentes no universo jornalístico.

A trajetória da então coordenadora da câmara municipal de vereadores de Aracaju é um caso ilustrativo do modo como as relações familiares, vinculadas a formação escolar e experiência profissional, podem resultar em um convite para dirigir um órgão público. Neta de fazendeiros e sobrinha de importantes políticos do Estado, formada em jornalismo e sócia de uma agencia de assessoria de comunicação, ela foi convidada para coordenar a comunicação social da Câmara Municipal de Vereadores, pelo presidente da “casa”, que é conhecido de seus pais e já conhecia seu trabalho em diversos setores da imprensa sergipana e de seus múltiplos serviços de assessoria de imprensa para diversas instituições privadas de Aracaju. Este caso ilustra bem, como as origens sociais elevadas, aliadas ao investimento na profissão jornalística proporcionou a entrevistada o crescimento na hierarquia da comunicação social. Em estudos sobre a elite jornalística francesa (1984), Rieffel já destacava que pertencer às classes sociais privilegiadas é um passaporte para o crescimento na hierarquia da profissão, pois essas lhes permitem a criação de redes duráveis de relações

¹¹ - “Uma esfera de vida é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, pois pode tanto ser considerada como um conjunto de interações concretas, contatos e laços que os indivíduos estabelecem, como pode corresponder a uma estrutura de sentido.” (PETRARCA, 2008).

familiares, de amigos ou conhecidos, que em dado momento pode funcionar como um recurso para o acesso a informações privilegiadas.

Já a esfera escolar, além de possibilitar o acesso ao “saber” institucionalizado e “dotar” o sujeito de uma expertise, promove a interação social e contribui para a ampliação da rede de relações do indivíduo, que pode vir a ser um importante recurso para a inserção no mercado de trabalho, ou em outro setor de atuação. Pois os amigos da época escolar ou universitária podem funcionar como uma espécie de guia, indicando ou apresentando o jornalista para o editor chefe das redações jornalísticas (Rieffel, 1984). Em nosso quadro de entrevistados, o assessor de imprensa de um deputado estadual demonstra bem como os vínculos criados nos bancos escolares são importantes na hora da inserção no mercado do trabalho. Como podemos observar em seu depoimento.

Me mudei de Feira de Santana/BA, para cá, após passar no vestibular da Unit para jornalismo, já era formado em letras, mas trabalhava como jornalista no jornal local. Um amigo da época escolar e que também era jornalista, veio morar aqui e trabalhar no Jornal da Cidade e me convenceu a fazer jornalismo, passei no vestibular na UNIT e me mudei para cá, ele então me apresentou ao dono do jornal da Cidade, que me contratou. (Entrevista realizada em 2012).

O diploma em jornalismo também tem um peso importante na hora do recrutamento desse profissional pelo universo político, isso ficou evidenciado quando mapeamos 84 assessores de imprensa que atuam no universo político, e 62,2% deles têm formação jornalística. Costa, Duarte e Schmitz (2012) em seus estudos a respeito dessa temática, identificaram que há no mercado uma preferência por graduados em jornalismo com experiência nas redações. Dentre os entrevistados, 90% têm formação jornalística e consideram que o diploma qualifica e valoriza a profissão, sendo considerado essencial para o exercício da atividade por 80% do universo, pois segundo os mesmos, ela dá o conhecimento técnico, teórico e ético da profissão.

A formação é essencial não só para o jornalista em suas diferentes funções (repórter, diretor/assessor de imprensa), mas para qualquer profissional, tanto de medicina, direito, professor, etc. O profissional do jornalismo tem que ter sempre em mente que sua formação é o seu bem mais importante, ele tem sempre que está se atualizando para se adequar a demanda das novas tecnologias. (Assessora de imprensa do PSB, 2012).

Esta visão de que assim como a medicina e o direito que exigem uma formação específica, do mesmo modo deve ser para com o jornalista, é compartilhada pela coordenadora de comunicação da Câmara Municipal e pelo secretário de comunicação de Aracaju, eles afirmaram que não concordam que qualquer um possa exercer o jornalismo, assim como não acham que qualquer um possa ser advogado ou médico, pois o jornalismo é

uma profissão séria tanto quanto as aqui citadas e por isso, de acordo com os mesmos, o diploma valoriza e qualifica a mesma. A assessora da câmara disse ainda, que acha vergonhoso que o ministro do supremo tenha derrubado a obrigatoriedade do diploma, desqualificando uma profissão que está regulamentada há tanto tempo.

Observa-se, que o diploma é tratado pelos entrevistados como uma das garantias de valorização e reconhecimento profissional, o qual funciona como mecanismo de reserva de mercado de trabalho para os membros da profissão e exclusão dos demais. Deste modo, a expertise é principalmente um instrumento de poder profissional, que favorece aos trabalhadores o controle da própria atividade, tornando-se, assim, “aptos a aplicar aos assuntos humanos, o discurso, a disciplina ou o campo particular sobre os quais tem jurisdição” (FREIDSON, 1996: p. 5). Assim sendo, o diploma é um importante recurso para a entrada e ascensão do jornalista na assessoria de imprensa política, mas que por si só, não é suficiente para garantir tal acesso, pois como destaca Petrarca (2007), o diploma sozinho não garante ascensão profissional, é preciso que ele esteja combinado a outros recursos para que se torne relevante.

3.2 - Militância Política e Recursos sociais

Temos demonstrado neste trabalho, que a entrada do jornalista aracajuano na comunicação política se dá a partir do acúmulo de múltiplos recursos, angariados nas diferentes esferas de vida, entre as quais se encontra a própria esfera política. A qual colabora não só para o acúmulo de recursos, mas também para a ampliação do espaço da atuação jornalística e aumento dos aspectos subjetivos do conhecimento, pois o modo particular de relacionar a competência jornalística com a militância política resulta muitas vezes em convites para assessorias de imprensa política e para a ocupação de cargos em instituições governamentais (PETRARCA, 2007).

Um caso típico de tal modalidade é o trajeto do então secretário de comunicação de Sergipe, que tem reconhecida atuação no cenário político sergipano. O mesmo durante sua formação acadêmica militou em movimentos estudantis e partido político, chegando a ser um dos fundadores do PCdoB no Estado. Foi à militância associativa, que tornou possível a sua inserção no campo da comunicação política, inicialmente como assessor do PCdoB e mais tarde como secretário de comunicação da prefeitura de Aracaju e do Estado de Sergipe, sempre a convite dos governantes que fizeram parte de sua vida política.

O assessor de imprensa do Partido MD (Mobilização Democrática) é outro exemplo clássico de tal afirmação, esse jornalista tem em sua trajetória uma ampla militância política em movimentos estudantis, sindicato profissional e partido político. Em seu trajeto profissional já atuou como radialista, editor político, repórter e apresentador de telejornal em diferentes veículos midiáticos do estado. Como assessor de comunicação já atuou em vários órgãos governamentais do Estado e de Aracaju, sempre a convite pessoal dos secretários ou presidentes dos órgãos públicos, que eram seus amigos e companheiros de militância política, ou do seu exercício profissional em redações e assessorias de imprensa em órgãos públicos. Na época da entrevista (2012) este jornalista atuava como assessor de imprensa de um partido político e de um parlamentar, além de dirigir um jornal semanal.

O tempo todo ele chama a atenção para sua competência profissional como principal responsável por sua entrada no universo da comunicação política. Entretanto, destaca em seu discurso como a militância em movimentos sindicais e em partidos políticos contribuiu positivamente para seu ingresso no referido universo. Conforme Coradini (2001) e Petrarca (2007) é exatamente a forte imbricação que existe entre certas profissões e a política, que dá sentido a ação dos atores e possibilita a reconversão das relações estabelecidas nas duas esferas em recurso tanto profissional, quanto político.

3.3 – Relações Estabelecidas no Exercício Profissional

A importância das redes de relações na atuação do profissional de jornalismo vem sendo discutida pela literatura francesa e por alguns autores nacionais (NEVEU, 2001; PETRARCA, 2007, 2008, 2009; RIEFFEL, 1984; RUELLAN, 2006) como uma necessidade objetiva e fundamental para a atuação e sucesso profissional do jornalista. Para os quais, a gestão e solidificação de um capital de relações sociais constituídas ao longo da trajetória do jornalista é essencial para o seu sucesso profissional, pois são esses laços que dão acesso à informação jornalística, e quando convertidos em recurso profissional, possibilita o sucesso dentro das redações ou fora delas. Segundo Petrarca (2009), "a consolidação e a gestão deste capital de relações sociais são fundamentais ao longo da vida profissional, permitindo o acesso à informação jornalística e a ascensão profissional" (2009, p. 173). Tais contatos são determinados pelas origens sociais do indivíduo, atuação em redações jornalísticas, a relação com os amigos de infância e/ou da época de escola, a participação em movimentos sindicais e políticos e relações com o estrangeiro (LEGAVRE, 1996; RIEFFEL, 1984).

O termo redes de relações tem sido utilizado pelas ciências sociais para designar as interações sociais estabelecidas em diferentes esferas da sociedade, com base em vínculos definidos por afinidades e interesses comuns (BOURDIEU, 1996). A primeira rede de relação do homem é a família, a qual lhe confere a socialização básica que se estende para outras redes sociais de interdependências, tais como: redes de amizades, de gênero, étnicas, econômicas, religiosa, profissional e políticas (BERGER e LUCKMAN, 1996). Neste sentido, Mercklé (2004) define redes sociais "[...] como sendo constituída de um conjunto de unidades sociais e das relações que essas unidades sociais mantêm umas com as outras, direta ou indiretamente, por meio de encadeamentos de extensões variáveis" (p. 4 - tradução livre). Tais unidades, por sua vez, tanto podem ser indivíduos, grupos familiares, grupos de amigos, ou organizações empresariais e associativas. As relações sociais entre os elementos da rede podem ser transações monetárias, trocas de bens e serviços ou transmissão de informações. Tanto Podem envolver interação face a face ou não, quanto podem ser permanentes ou episódicas.

Redes de relações sociais é para Mercklé (2004), um conjunto de métodos, modelos e teorias utilizados pela sociologia e outras disciplinas, que toma por objetivo de estudo não os atributos individuais (idade, profissão, etc.), mas as relações entre indivíduos e os elementos que essas relações oferecem para descrição, como as regularidades das trocas, a formação e a transformação do sistema de relação e seus efeitos sobre os comportamentos individuais. Assim, a partir deste contexto, entende-se que analisar a atuação do jornalista aracajuano na comunicação política a partir de sua sociabilidade é (re) colocar no centro do questionamento o elemento básico da sociologia: "a interação social". Pois é através da interação com o outro, que o homem se torna um ser social, que molda alguns dos atributos pessoais determinantes da identificação e reconhecimento social (BERGER e LUCKMAN, 1996).

Entre as esferas sociais que o jornalista está inserido, as redações formam um privilegiado campo de sociabilidade entre os iguais, fortalecendo e ampliando laços que podem resultar em indicações para a ocupação de cargos em setores governamentais e legislativos. Sobre isso, a socióloga Petrarca (2007) afirma que a entrada do jornalista na assessoria de imprensa política se dá graças ao fato de um amigo ou parente, o indicar a um político conhecido. Ainda sobre a importância dos laços sociais para a atuação e sucesso jornalístico, os autores franceses, Neveu (2006), Rieffel (1984) e Ruellan (2006), chamam a atenção sobre a capacidade do jornalista em mobilizar as redes organizadas de relações, e de prestígio acumulado pelas posições tomadas, não só no espaço jornalístico, mas também em

outros espaços sociais, como recurso de ascensão profissional. Para eles, o jornalista é um "estrategista dotado de virtudes" que diariamente renova laços e amplia seus contatos que contribuem para o aumento de sua agenda telefônica. Ou seja, os vínculos sociais não só fornecem aos atores informações úteis sobre oportunidades e escolhas profissionais, mais também são concebidos como credenciais, que reforçam a identidade e reconhecimento público e possibilitam o acesso a recursos disponíveis em suas redes. Deste modo, podemos afirmar que o exercício do jornalismo requer do sujeito certo dom, o "dom" de instituir relações, criar laços e despertar simpatias (NEVEU, 2006; PETRARCA, 2007; RIEFFEL, 1984).

Os laços sociais, principalmente os instituídos nas redações jornalísticas, revelou-se assim, um componente importante para a compreensão dos processos sociais e profissionais, que provocam a mobilidade do jornalista aracajuano para a comunicação política, especificamente no que diz respeito às modalidades de acesso a cargos dirigentes em secretarias de comunicação social e departamentos de imprensa em setores legislativos. Pois conforme a já mencionada literatura, os laços sociais postos em disposições estratégicas além de fornecer aos atores informações favoráveis sobre oportunidades de trabalho, também são concebidos como credenciais, que garantem as possibilidades individuais de aceder a recursos disponíveis através de suas redes de relações, além de reforçar a identidade e possibilitar o reconhecimento entre seus pares e publicamente, no que diz respeito ao direito ao uso de determinados recursos.

3.4 – Redações Jornalísticas e Competência profissional

A competência profissional do jornalista é culturalmente vinculada à formação acadêmica e à produção de matérias escritas para a publicação em jornais e revistas e matérias audiovisuais, para serem veiculadas na mídia eletrônica (TV e rádio) e na internet. Na opinião de Gomes (2004), a competência jornalística “é a capacidade de falar e agir de maneira legitimada pelo campo social do jornalismo” (p. 54), uma vez que esta profissão, no ponto de vista do referido autor, é ao mesmo tempo um sistema de relações e de reconhecimentos que se dá através do acúmulo de capitais que dota o indivíduo da competência jornalística.

Em relação à atuação do jornalista na comunicação política, as competências solicitadas são entre outras, a organização de equipes, administração do dia-a-dia da campanha, estratégias de comunicação, criação e disseminação de materiais na esfera da

comunicação de massa, criação e manutenção de web sites, facilidade de acesso às redações, etc. Deste modo, compreende-se que a competência necessária ao jornalista aracajuano para atuar na comunicação política advém não apenas do diploma e da prática profissional, mas de um conjunto de recursos combinados entre si, tais como: redes de relações, prestígio acumulado, ativismo político, etc. Pois como alega Bourdieu (1983) a respeito do campo científico, “acumular capital é fazer um nome, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum” (1983: pg. 132).

As redações se constituem assim, em esferas promotoras de competência profissional e de redes de relações que funciona como um recurso determinante para a inserção do jornalista aracajuano no universo da comunicação política e para a ocupação de cargos dirigentes em setores públicos, pois mais do que laços constituídos na atuação profissional, trata-se do uso de títulos profissionais em combinação com recursos de outras esferas que se tornam fundamentais para o sucesso do sujeito em outra área de atuação (Coradini, 2001). Em Sergipe, é comum que jornalistas que trabalham em algum veículo de comunicação, sejam recrutados para assessorar a campanha eleitoral de um político o dono de um ou mais veículo de comunicação. Este foi o caso da assessora de imprensa do PSB, ela trabalhava no jornal Correio de Sergipe como editora política, quando João Alves Filho, político, atual prefeito de Aracaju e dono do jornal, pediu ao diretor que indicasse alguém para colaborar na assessoria de imprensa da sua campanha a governador do Estado em 2002 e o diretor a indicou. Foi através deste trabalho que a entrevistada se inseriu na assessoria de imprensa política e a partir de então já fez vários trabalhos nesse setor, tanto para órgãos públicos, quanto para políticos e hoje assessora o PSB e o senador Valadares do mesmo partido.

Há ainda os que conheceram o assessorado através de uma entrevista realizada durante o período eleitoral para o veículo onde trabalhava, e mais tarde foi convidado para fazer a assessoria do político entrevistado, ou que receberam o convite para fazer assessoria de comunicação, por ter se tornado conhecido através de seu trabalho em editoriais de política. Este é o caso do Secretário de comunicação de Aracaju, que foi convidado pelo o então prefeito Edvaldo Nogueira, para dirigir a pasta da comunicação do município, após uma entrevista para o jornal que ele era editor. Segundo o entrevistado, o prefeito disse que lia e gostava muito de seu editorial político semanal.

A Diretora de Imprensa da Assembleia Legislativa (ALESE), também conheceu a deputada estadual Angélica Guimarães, durante seu trabalho jornalístico na TV ALESE, de quem tornou-se amiga e quando a mesma foi eleita presidente da assembleia a convidou para assumir a Diretoria de Imprensa do órgão. Percebemos assim, que as redações não podem ser vistas apenas como espaços para o exercício profissional e aquisição da competência jornalística, mas também, como promotora de sociabilidade entre os iguais, onde há um fortalecimento de vínculos e a ampliação da agenda de endereços a partir da prática profissional (entrevista com um político, por exemplo), que contribui para a inserção e ascensão do jornalista na comunicação política.

Este também foi o caso da assessora de imprensa do PSB, ela trabalhava no jornal Correio de Sergipe como editora política, quando João Alves Filho (atual prefeito de Aracaju) político e dono do jornal, pediu ao diretor que indicasse alguém para colaborar na assessoria de imprensa da sua campanha a governador do Estado em 2002 e o diretor a indicou. Foi através deste trabalho que a entrevistada se inseriu na assessoria de imprensa política e a partir de então já fez vários trabalhos nesse setor, tanto para órgãos públicos, quanto para políticos e hoje assessora o PSB e o senador Valadares do mesmo partido. Há ainda os que conheceram o assessorado através de uma entrevista realizada durante o período eleitoral para o veículo onde trabalhava, e mais tarde foi convidado para fazer a assessoria do ser vistas apenas como espaços para o exercício profissional e aquisição da competência jornalística, mas também, como promotora de sociabilidade entre os iguais, onde há um fortalecimento de vínculos e a ampliação da agenda de endereços a partir da prática profissional (entrevista com um político, por exemplo), que contribui para a inserção e ascensão do jornalista na comunicação política.

O percurso desses jornalistas são exemplos de como a associação entre os vínculos sociais oriundos da esfera política, do investimento no jornalismo (diploma) e da atuação profissional fora das redações, podem resultar no ingresso na assessoria de imprensa política e na ocupação de cargos hierárquicos no setor da comunicação governamental. Segundo Legavre (1996) o recurso político é um trunfo, que associado a outros recursos como os de origens sociais e de um nível escolar elevado, contribui para o sucesso da passagem de um grupo a outro (da comunicação para a política).

Conclusão

Constatamos neste trabalho, que é o acúmulo de múltiplos recursos adquiridos pelo sujeito através de sua inserção em diferentes esferas de vida, e a combinação entre Em eles, que garantem a atuação do jornalista aracajuano na assessoria de imprensa política. Entre os diversos recursos acionados por esses profissionais para sua entrada e permanência na comunicação política, os que mais se destacaram nessa pesquisa foram a experiência profissional e os vínculos advindos da origem familiar, escolar, da militância política e das redações jornalísticas. Os recursos oriundos da atuação profissional nas redações jornalísticas caracterizam-se como uma garantia de sucesso na atuação do jornalista em outro setor da comunicação, uma vez que permitem uma vasta rede de relações sociais passíveis de serem mobilizadas sempre que necessário para diversificar o espaço de atuação do jornalista, especialmente no que se refere ao âmbito político. Verificamos ainda que apesar do diploma ter sido considerado como importante para a valorização da profissão, percebeu-se que ele só adquiriu importância como recurso para entrada na comunicação política, quando esteve aliada a prática jornalística e a uma ampla rede de relações.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade – Tratado e Sociologia do conhecimento**. 13ª ed. Rio de Janeiro, Editora Petrópolis, 1996.

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”, in: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 122-155.

CALAND, Francisca Aparecida Ribeiro e LIMA, Tersandro Vilela. Resgate da história de Assessoria de Imprensa no Piauí. **II ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, Teresina-PI, 20 e 21 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.yumpu.com/pt/document/view/3927288/trabalho-ii-encontro-nordeste-dehistoria-da-ma-dia>. Acesso em dezembro de 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem Anos de Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2003. p. 33-51.

CORADINE, Odaci Luiz. **Em nome de quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

COSTA, Carlito; DUARTE, Jorge & SCHMITZ, Antonio. **Papel e a atuação do jornalista em assessoria de imprensa na área pública**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo- 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Novembro de 2012. Disponível em: www.anj.org.br Acesso em: janeiro de 2013.

DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2003. FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: www.fenaj.org.br. Acesso em novembro de 2010.

FREIDSON, Eliot. **Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ano 11, n. 31, jun. 1996.

GLÜER, Maria Laura. **De Chapa Branca à Interlocutora Qualificada: A trajetória da atividade de imprensa no Brasil e no RS**. Porto Alegre, 2004.

GOMES, Wilson. **Transformações da Política na Era da Comunicação de Massa**. São Paulo: Paulus, 2004. LE CAM, F;

LEGAVRE, Jean-Baptiste. **D'un groupe à l'autre. Le passage de l'expertise en communication à la pratique politique professionnelle - Politix**, Année 1996, Volume 9, Numéro 35. p. 131 - 148 Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em agosto de 2012.

MERCKLÉ, Pierre. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2004.

NEVEU, Érick. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O Jornalismo como Profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10761>. Acesso em julho de 2010.

RIEFFEL, R. **L'élite des journalistes**. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.

RUELLAN, Dennis. **Corte e costura do jornalismo**. In: LÍBERO - Ano IX - nº 18 - Dez 2006. P.: 31-40. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4619>. Acesso em junho de 2012.

RUELLAN, D. **Professionnalisme, professionnalisation et profession de journaliste au Brésil, en France et au Québec: un essai de comparaison**. In: LEGRIVE, J.B. La presse écrite: objets délaissés. Paris, L'Harmattan, 2004.

TORQUATO DO REGO, Francisco Guadêncio. **Tratado da Comunicação: Organizacional e política**. São Paulo: Thomson, 2002.

SANT'ANNA, F. C. C. M. **Mídia das Fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Brasília: Edições Técnicas do Senado Federal, 2006.